



SENTIDO  
QUE A VIDA FAZ  
ESTUDOS PARA ÓSCAR LOPES

**ÍNDICE**

<b>Os Sentidos deste Livro</b> .....	15
<b>Biobibliografia</b> de Óscar Lopes .....	19
<b>I. LITERATURA</b>	
A memória literária do jovem Camilo <i>Abreu, Maria Fernanda de</i> .....	39
O humor (ou a ausência de) no Camilo polémico <i>Almeida, Onésimo Teotónio</i> .....	45
Fantástico e verosimilhança n' <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> <i>Amaral, Fernando Pinto do</i> .....	55
“Didáctica” em louvor de Óscar Lopes – laudatória minimal repetitiva gerada em computador com o programa <i>Sintext</i> <i>Barbosa, Pedro</i> .....	61
<i>Arco de Triunfo</i> : obra inacabada do Engenheiro Álvaro de Campos <i>Berardinelli, Cleonice</i> .....	67
<i>O Juiz da Beira</i> e os sentidos da sátira vicentina <i>Bernardes, José Augusto Cardoso</i> .....	75
O sertão de Guimarães Rosa <i>Berrini, Beatriz</i> .....	89
Uma poética de recorrência: as figuras do duplo n' <i>A Brasileira de Prazins</i> , de Camilo Castelo Branco <i>Besse, Maria Graciete</i> .....	101
Surrealismo e Existencialismo – percursos e discursos <i>Brito, António Ferreira de</i> .....	115
Diferença do campo, diferença da cidade: Cesário Verde e António Nobre <i>Buescu, Helena Carvalhão</i> .....	123

Poesia e arte de música	
<i>Carlos, Luís Adriano</i> .....	129
"A continuidade estilhaçada": história e actualidade na obra de Luigi Nono (1924-1990)	
<i>Carvalho, Mário Vieira de</i> .....	137
A construção da cidade hipodâmica na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen	
<i>Ceia, Carlos</i> .....	157
Franz Hincker e a imagem das duas Alemanhas no romance <i>Volfrâmio</i> (1944)	
de Aquilino Ribeiro	
<i>Delille, Maria Manuela</i> .....	173
Uma poética da nostalgia – Notas sobre a temática do exílio na obra de Camilo Pessanha	
<i>Franchetti, Paulo</i> .....	185
Processos enunciativos em <i>Saudades da Terra</i>	
<i>Goulart, Rosa Maria</i> .....	199
Messianismo telúrico em <i>Levantado do Chão</i> de José Saramago	
<i>Grossegese, Orlando</i> .....	207
Era uma vez um cravo... (sobre <i>Cravos de Papel</i> de Eugénio de Castro)	
<i>Guimarães, Ana Paula</i> .....	217
Modernidade e Pós-modernidade	
<i>Guimarães, Fernando</i> .....	227
O regresso ao Ocidente na <i>Lusitânia Transformada</i>	
<i>Hatherly, Ana</i> .....	233
Estado e Nação nas literaturas de língua portuguesa: perspectivas político-culturais	
<i>Júnior, Benjamin Abdala</i> .....	241
Questões de antropologia do tempo – sobre <i>O Delfim</i> de José Cardoso Pires	
<i>Lepecki, Maria Lúcia</i> .....	249
Óscar Lopes em "A Crítica do Livro": II – Percursos da "crítica realista" do romance	
<i>Lima, Isabel Pires de</i> .....	273
Historiar um passado recente	
<i>Lisboa, Eugénio</i> .....	281
Narrativas masculinas e femininas sobre a Guerra Colonial: dois exemplos de perspectivas marcadamente sexuadas	
<i>Magalhães, Isabel Allegro de</i> .....	285
Óscar Lopes em "A Crítica do Livro": I – Originalidade de um percurso de "crítica realista"	
<i>Martelo, Rosa Maria</i> .....	261
O <i>Ubi sunt?</i> em "Balada dos amigos separados", de Mário Dionísio	
<i>Martinho, Fernando</i> .....	297
Notas sobre <i>Sinais de Fogo</i> e <i>Metamorfoses</i>	
<i>Martins, Fernando Cabral</i> .....	303
Da violência, da literatura e de nós próprios	
<i>Martins, Manuel Frias</i> .....	307

O Zé Povinho, estereótipo nacional português <i>Medina, João</i> .....	313
João Soares de Paiva e o Rei de Navarra – Para a leitura do cantar “Ora faz ost’o senhor de Navarra” <i>Miranda, José Carlos Ribeiro</i> .....	321
Uma espécie de ensaio <i>Morão, Paula</i> .....	331
O direito de esperar <i>Moura, Vasco Graça</i> .....	337
Oralidade e escrita nos Poemas Homéricos – estado actual da questão <i>Pereira, Maria Helena da Rocha</i> .....	339
Ainda o <i>Físico Prodigioso</i> de Jorge de Sena <i>Picchio, Luciana Stegagno</i> .....	347
Modernidade e romantismo em Almeida Garrett – Reflexão sobre o significado estético-cultural e pedagógico de <i>Frei Luís de Sousa</i> , <i>Viagens na minha terra</i> e <i>Folhas caídas</i> <i>Pimentel, F. J. Vieira</i> .....	351
Sobre a génese ideológica d’ <i>O crime do Padre Amaro</i> <i>Reis, Carlos</i> .....	367
O saí e a serpente: diálogos entre José de Alencar e Pinheiro Chagas <i>Ribeiro, Maria Aparecida</i> .....	377
“De tarde”, quando Eros e Estética se encontram <i>Rita, Annabela</i> .....	391
<i>Jornada de África</i> de Manuel Alegre: Determinação e autodeterminação do herói <i>Rocha, Clara C.</i> .....	395
Esboçeto sobre Aquilino Ribeiro animalista <i>Rodrigues, Urbano Tavares</i> .....	403
A Musa e a Lira de Manuel Gonçalves: poeta alentejano e universal! <i>Rosa, Luciano Caetano da</i> .....	405
Verbetes para um modo de ler as <i>Metamorfoses</i> de Jorge de Sena <i>Santos, Gilda da Conceição</i> .....	421
Sobre <i>O Aprendiz de Feiticeiro</i> , de Carlos Oliveira – ficha para um dicionário do neo-realismo <i>Santos, João Camilo dos</i> .....	429
A escrita em Almada ou uma busca-conquista <i>Silva, Celina</i> .....	441
<i>Gaibéus</i> : na estratégia do desvio, a transgressão de um projeto <i>Silva, Teresa Cristina Cerdeira da</i> .....	449
(Casas) sobre <i>As pedras negras</i> <i>Silveira, Jorge Fernandes da</i> .....	455
Jorge de Sena, em Creta com Nietzsche <i>Silvestre, Osvaldo</i> .....	461

Marinetti, Pessoa e o futurismo <i>Simões, Manuel G.</i> .....	477
O princípio da escrita em Mário de Sá Carneiro <i>Sousa, Maria Leonor Machado de</i> .....	485
Para uma leitura da cantiga de maldizer de Afonso X, “Joan Rodriguiz foy osmar a Balteira” <i>Tavani, Giuseppe</i> .....	493
Dandismo e não só em Eça de Queirós <i>Torres, Alexandre Pinheiro</i> .....	497

## II. LINGUÍSTICA

O professor Óscar Lopes e a abertura da língua portuguesa para o novo mundo da linguística moderna <i>Alves, Helen Santos</i> .....	505
Um modelo semântico fregeano para atitudes proposicionais <i>Branquinho, João</i> .....	513
A extracção a partir do SN revisitada <i>Brito, Ana Maria</i> .....	527
Sobre a modalidade <i>Campos, Maria Henriqueta</i> .....	539
O nome dos nomes <i>Correia, Clara Nunes</i> .....	547
Um exemplo de argumentação feminina no séc. XV <i>Crispim, Maria de Lourdes</i> .....	557
“Pronúncia do Norte”, variáveis, variantes e valoração sociolinguísticas do português <i>Dantas-Ferreira, Fernanda</i> .....	563
Uso, autoridade e norma no <i>Diálogo de la Lengua</i> de Juan de Valdés (1535), e no <i>Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem</i> de João de Barros (1540) <i>Dios, Ángel Marcos e Ana María García Martín</i> .....	571
Ordem de palavras: sintaxe e estrutura discursiva <i>Duarte, Inês Silva</i> .....	581
(Ainda) em torno do discurso indirecto livre <i>Duarte, Isabel Margarida</i> .....	593
Níveis de processamento silábico em língua materna: de que modo as imitações realizadas pelas crianças fornecem informação sobre fases de aquisição fonológica? <i>Faria, Isabel Hub e Maria João Freitas</i> .....	601
Óscar Lopes - do linguista e do pedagogo <i>Figueiredo, Olívia Maria</i> .....	615
Óscar Lopes: um humanista à escala da nossa época (exercício de auto-paráfrase) <i>Fonseca, Fernanda Irene</i> .....	623

Lusismos nas traduções italianas de crónicas portuguesas <i>Lanciani, Giulia</i> .....	633
Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de <i>embora</i> <i>Lima, José Pinto de</i> .....	643
Para uma análise semântica e pragmática do Pretérito-mais-que-Perfeito do Indicativo em português contemporâneo <i>Lopes, Ana Cristina M.</i> .....	657
Representação e computação da estrutura conceptual das construções resultativas: uma abordagem lexicalista <i>Marrafa, Palmira</i> .....	671
<i>Alguns, muitos, poucos, todos</i> e a relação sintaxe-semântica <i>Martins, Ana Maria</i> .....	679
Aspectos da Fonologia Lexical do Português <i>Mateus, Maria Helena Mira</i> .....	693
Configurações sintácticas em estruturas de colocação simultânea de clítico <i>Matos, Gabriela</i> .....	705
Usos não temporais de operadores de tempo e aspecto <i>Matos, Sérgio</i> .....	719
Foneticamente falando <i>Moutinho, Lurdes de Castro</i> .....	733
A contribuição da análise de corpora para a descrição lexicográfica <i>Nascimento, M<sup>a</sup> Fernanda Bacelar do</i> .....	737
Frases genéricas <i>Oliveira, Fátima</i> .....	745
A propósito da representação descritivo-narrativa <i>Optiz, Luisa Soares</i> .....	757
Linguística textual e técnica narrativa <i>Parker, John</i> .....	763
Sobre conexões proposicionais em português <i>Peres, João Andrade</i> .....	775
Algumas considerações sobre a noção de frase elementar e sua aplicação à análise do português <i>Ranchhod, Elisabete Marques</i> .....	789
Deslocamento e mover $\alpha$ . Uma solução para o problema 'EPP' <i>Raposo, Eduardo Paiva</i> .....	797
Construção e interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais <i>Rio-Torto, Graça</i> .....	815
Observações sobre condicionais <i>Santos, Pedro</i> .....	835
As diferentes denominações das "oclusivas fricativadas" do português. Implicações linguísticas da questão <i>Veloso, João</i> .....	845

Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão <i>Vigário, Marina Cláudia</i> .....	855
Semântica do “lugar comum” <i>Vilela, Mário</i> .....	869
Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i> , “casmurro” e os dicionários <i>Woll, Dieter</i> .....	885
A problemática de um dicionário de verbos do séc. XIII <i>Xavier, M<sup>ª</sup> Francisca e M<sup>ª</sup> Graça Vicente</i> .....	897
<b>Tabula Gratulatoria</b> .....	909

**AS DIFERENTES DENOMINAÇÕES DAS “OCLUSIVAS FRICATIZADAS”  
DO PORTUGUÊS. Implicações linguísticas da questão\***

João Veloso (\*)

**I Introdução**

Entre os fenómenos fonéticos verificáveis no consonantismo do português europeu contemporâneo, conta-se uma variação alofónica que afecta as oclusivas sonoras /b d g/ e que consiste na possibilidade de estas consoantes serem realizadas, em determinados contextos e por um número significativo de falantes, como [β ð ɣ], isto é, como consoantes contínuas (Andrade, Andrade e Viana, 1978; Viana, 1984; Veloso, 1995). Por outras palavras, os alofones [β ð ɣ] de /b d g/ são realizados sem as marcas acústicas características das realizações fonéticas prototípicas das consoantes ditas oclusivas, que são um intervalo de silêncio e uma explosão (Ainsworth, 1976; Dorman, Raphael e Liberman, 1976; Repp, Liberman, Eccardt e Pesetsky, 1978; Fitch, Halwes, Erickson e Liberman, 1979; Liberman e Blumstein, 1988; Kent e Read, 1992).

Esta variação, considerada por autores como Morais Barbosa (1965:13-14) como uma das características idiossincráticas mais típicas do português contemporâneo<sup>1</sup>, tem sido objecto de diversos estudos fonéticos (Andrade, Andrade e Viana, 1978; Viana, 1984; Veloso, 1995) e constitui, como dissemos, uma variação *alofónica*. Como tal, podemos dizer que dela resultam realizações fonéticas sem valor distintivo entre si, pelo menos junto dos ouvintes nativos do português<sup>2</sup>, e fortemente (mas não exclusivamente, como tem sido sugerido por estudos fonéticos mais recentes<sup>3</sup>) condicionadas pelo contexto fonético em que ocorrem (cf. Gleason, 1955:280; Dubois, Giacomo, Guespin, Marcellesi, Marcellesi e Mével, 1991:21).

No presente estudo, pretendemos percorrer criticamente as diversas terminologias utilizadas em trabalhos anteriores para se fazer referência à variação que nos ocupa (e aos alofones que dela resultam) para, partindo daí, analisarmos algumas implicações linguísticas de interesse mais geral<sup>4</sup>.

Com esse objectivo assente, começaremos por rever as terminologias mais expandidas; de seguida, esboçaremos uma revisão dos fundamentos das terminologias usadas e dos conceitos que elas implicam; finalmente, confrontaremos os termos usados e os seus fundamentos com os dados fonéticos e linguísticos que os estudos anteriores nos fornecem.

(\*) Universidade do Porto



## 2 AS DIVERSAS TERMINOLOGIAS USADAS

O quadro seguinte reúne e permite comparar as opções terminológicas adoptadas por diversos autores para se referirem à variação alofónica e aos alofones que aqui nos ocupam<sup>5</sup>.

QUADRO 1 – As várias terminologias usadas por diversos autores para se mencionarem a variação e os alofones que dela resultam em português

AUTOR	VARIAÇÃO	ALOFONES
GONÇALVES VIANA (1883:22, 25, 26)	Assibilação	Fricativas
GONÇALVES VIANA (1892:20 e ss., 75)	Assibilação	Fricativas
SA NOGUEIRA (1938:22, 42, 125)	Oclusão imperfeita Africação (modalidade de assimilação)	Africadas
HERCULANO DE CARVALHO (s/d:3-4)		Quase fricativas
JAKOBSON, FANT & HALLE (1952:25)		Constritivas mates ("Mellow constrictives")
LÜDTKE (1952:287)		Fricativas
MORAIS BARBOSA (1965:13-14, 170)		Espirantes
AZEVEDO FILHO (1968:323)		(Ligeiramente) africadas
HEAD (1971:1118-1119)		Semi-oclusivas Espirantes Contínuas Não-estridentes
JACQUEMIN (1973)		Fricativas
MATEUS (1975:77, nota 9)	Fricatização	
PARDAL (1977:185 e ss.)	Espirantização	Fricativas não-estridentes
ANDRADE, ANDRADE & VIANA (1978: <i>passim</i> )	Fricatização	Fricatizadas
VIANA (1984: <i>passim</i> )	Fricatização	Fricatizadas
MORAIS BARBOSA (1994: 60-61)		Oclusivas imperfeitas Espirantes

Como se constata, os termos mais comuns para se fazer referência à variação em estudo e aos alofones que a concretizam são "fricativas", "fricatização" e "oclusivas fricatizadas".

Estes termos sugerem então que [β ð γ] sejam descritíveis como oclusivas ([b d g]) "transformadas em fricativas", ou articuladas "como fricativas".

É esta assimilação, terminológica e conceptual, entre [β ð γ] e as consoantes fricativas que pretendemos discutir no seguimento deste estudo.

## 3 Uma revisão dos termos básicos de fonética

Nesta secção, é nosso objectivo analisar criticamente quais os conceitos que suportam certos termos e designações consagrados pela fonética, principalmente pela fonética dita tradicional. Ocupar-nos-emos, sobretudo, de saber em que se fundamentam noções

como as de “*oclusiva*” e “*fricativa*”, em que se baseia a bipartição rígida e canónica das consoantes nessas duas classes e, finalmente, quais as alternativas que, dentro da própria fonética tradicional, se nos oferecem a uma bipartição tão rígida que, quanto a nós, parece pouco operante e pouco adequada aos dados fornecidos, por exemplo, pelos estudos fonéticos das “fricatizadas” do português.

Em fonética tradicional, parece ter imperado, de facto, uma bipartição muito estrita das consoantes de qualquer língua nas classes “oclusiva” e “fricativa”. Tais classes são, nas correntes tradicionais, definidas em função da articulação oral completa e momentaneamente interrompida (nas oclusivas) ou parcialmente interrompida e contínua (nas fricativas) (em termos acústicos, a passagem oral completamente interrompida é responsável por um intervalo de silêncio – ou ausência de energia acústica –, sendo a passagem oral parcialmente interrompida e contínua responsável por uma presença de energia durante a articulação segmental). Esta é a perspectiva que identificamos em estudos de fonética articulatória tradicional como Gonçalves Viana (1892:3 e ss.), Grammont (1933:36 e ss., 58 e ss.), Sá Nogueira (1938:22), Gili Gaya (1950:73 e ss.) e Malmberg (1954:73 e ss.), por exemplo.

A continuidade surge, dessa forma, como uma marca fundamental na organização dos sistemas consonânticos: é em função dela que as consoantes de qualquer língua se repartem por uma das duas classes imediatas em que elas se podem dividir obrigatória e naturalmente. Embora especialmente importante e fundamentada na fonética tradicional, esta bipartição canónica das consoantes em duas classes obrigatórias em função da continuidade da sua articulação encontra reflexos em obras mais recentes e inseridas em inspirações teóricas posteriores, como o generativismo: é este, por exemplo, o caso de Mateus (1975), quando afirma que “*Os segmentos [+cons] dividem-se basicamente em [-cont] e [+cont] (...)*” (Mateus, 1975:22).

Efectivamente, embora a ausência/presença de energia acústica durante a articulação consonântica pareça corresponder, em termos fonéticos, a uma pista acústica importante para a percepção do modo de articulação – para a classificação de uma consoante como oclusiva ou fricativa –, conforme demonstrado ou defendido por obras, já citadas, como as de Ainsworth (1976), Dorman, Raphael e Liberman (1976), Repp *et al.* (1978), Fitch *et al.* (1979), Lieberman e Blumstein (1988) e Kent e Read (1992), parece haver evidência suficiente, pelo menos em certas línguas, de que outras propriedades fonéticas para além dela possam desempenhar um papel importante no processamento do modo de articulação. Consoantes com as características fonéticas das “fricatizadas” do português parecem conter em si, como veremos, marcas acústicas próprias (resultantes de configurações articulatórias específicas), que não permitem a sua inclusão *tout court* num desses dois grandes grupos consonânticos e que, portanto, nos conduzem à necessidade de uma repartição alternativa das consoantes por outras classes que não exclusivamente a tradicional oposição “oclusiva ≠ fricativa”<sup>6</sup>.

Quanto a este último aspecto, a fonética articulatória de tradição britânica sugere-nos algumas pistas que devemos considerar. Se virmos na obra de Laver (1994) uma condensação dos princípios básicos dessa tradição, observaremos que, para o autor, aquilo que nos habituámos a conceber como “modos de articulação” rigidamente espartilhados pelas duas categorias consonânticas básicas já mencionadas corresponde, antes, a uma gradação contínua de “graus de estrictura” (“*degrees of stricture*”) do tracto

vocal que se aplica a todos os sons da fala (e não somente às consoantes) e de que deriva não uma bipartição básica, mas sim uma tripartição básica, que nos permite incluir qualquer som da fala (consonântico ou vocálico) num dos três grupos seguintes: sons oclusivos (“*stops*”), sons fricativos (“*fricatives*”) e sons ressonantes (“*resonants*”) (Laver, 1994:134-135). Os sons oclusivos representam, na escala contínua dos graus de estrutura, os que são produzidos com o tracto vocal maximamente fechado (“*complete closure*”) (Laver, 1994:134, 205 e ss.); os sons fricativos encontram-se numa posição intermédia da escala, sendo produzidos com uma abertura mínima do tracto vocal, deixando ao ar uma passagem contínua suficientemente estreita (“*close approximation*”) para daí resultar uma turbulência audível (Laver, 1994:134, 244); no outro extremo da escala, encontramos os sons ressonantes, articulados com um estreitamento do tracto vocal mais lato do que o verificado nas fricativas, isto é, não suficientemente estreito para provocar turbulência audível ao fluxo expiratório (“*open approximation*”) (Laver, 1994:135, 269).

Num esquema que aprofunda esta tripartição, fazendo depender de cada um destes três grupos principais classes fonéticas menores, Laver (1994:147) incluirá:

- nos sons fricativos, as fricativas centrais (produzidas com uma “*close approximation*” formada pelo plano médio-sagital da língua, coincidentes, portanto, com as fricativas /f s ʃ v z ʒ/ do português) e as fricativas laterais (em que essa obstrução se conjuga com uma passagem do ar livre e contínua nos bordos da língua, como a fricativa /ʎ/ de certas línguas eslavas, por exemplo);
- nos sons ressonantes, as ressonantes laterais (articuladas com uma “*open approximation*” ao nível dos bordos da língua, tal como /l k/ do português) e as ressonantes centrais (articuladas com a mesma “*open approximation*” no eixo central do conduto bucal, e onde têm cabimento, por sua vez, as vogais “tradicionais” e as “aproximantes não-silábicas”).

Por aproximante (ou, nos termos exactos de Laver (1994), “*aproximante não-silábica*”), o autor entenderá então todos os sons que, sendo articulados sem fechamento total nem aproximação cerrada de dois órgãos articuladores na cavidade oral, não possam preencher o núcleo silábico; de acordo com o que é explicitamente afirmado pelo autor, o termo “*aproximante*” recupera o que tradicionalmente era descrito como semivogais e ainda as consoantes a que a fonética tradicional inglesa chama “*frictionless continuants*” (“*contínuas sem fricção*”) (Laver, 1994:270). Este termo, que podemos encontrar, por exemplo, em Catford (1977), conhece efectivamente uma considerável tradição na fonética britânica, onde é usado para, nas consoantes contínuas (que, nas outras correntes tradicionais citadas, são indistinta e sumariamente apelidadas de “fricativas” ou “constritivas”), distinguir entre “*fricatives*”, produzidas com ruídos de fricção audíveis, e “*frictionless continuants*”, produzidas sem ruídos de fricção audíveis. O termo “aproximante”, proposto por Peter Ladefoged<sup>7</sup> (Catford, 1977:119 e ss.; 1988:63 e ss.; Laver, 1994:270), é dado como sinónimo deste último.

De acordo com os estudos de Martínez Celdrán (1984, 1991) relativos aos alofones [β ð ɣ] do castelhano, o termo “aproximante”, com a fundamentação que lhe é dada pela fonética inglesa e que atrás sintetizámos, aplica-se com bastante propriedade às “fricatizadas”.

#### 4 Dados fonéticos sobre as “oclusivas fricativizadas” do português e problematização terminológica

Como afirmámos na introdução a este trabalho, as “oclusivas fricativizadas” do português foram objecto de estudos fonéticos diversos, a partir dos quais nos é possível extrair alguns dados pertinentes para a sua caracterização articulatória, acústica e perceptiva. Referiremos de seguida alguns desses dados, seleccionados principalmente em função do interesse que projectam sobre o assunto central deste estudo.

De todos os aspectos fonéticos, os articulatórios serão talvez os menos explorados em relação a estes alofones, na literatura disponível sobre o assunto. A caracterização articulatória que podemos assumir para [β ð γ] baseia-se em observações extraídas da análise espectrográfica destas realizações. Esta apresenta-nos segmentos de duração breve, caracterizados por uma componente harmónica de baixa intensidade e de aspecto transicional (Andrade, Andrade e Viana, 1978; Viana, 1984; Veloso, 1995)<sup>8</sup>, o que indicia, a nível articulatório, segmentos produzidos com um tracto vocal incompletamente fechado (cf., p. ex., Andrade, Andrade e Viana, 1978:19-20). Acusticamente, não é registado, em consequência, nenhum intervalo de silêncio durante a articulação destes sons.

A nível perceptivo, a principal conclusão a retirar dos estudos que exploram esta vertente é a de que, confirmando a hipótese teórica avançada pela fonologia distribucionalista acerca do processamento dos contrastes alofónicos em geral (cf. Gleason, 1955:280), para os ouvintes nativos do português não existe discriminação auditiva entre as oclusivas “fricativizadas” e as não-“fricativizadas”, sendo todas elas identificadas como oclusivas (Viana, 1984; Veloso, 1995). Para os ouvintes não-nativos, parece verificar-se uma tendência inversa: estes ouvintes tendem a associar as “fricativizadas” com consoantes contínuas (Veloso, 1995).

Segundo algumas conclusões dos autores citados (Viana, 1984; Veloso, 1995), o que leva os ouvintes nativos do português a identificarem como consoantes oclusivas consoantes com energia acústica durante a sua articulação (consoantes *contínuas*), como as “fricativizadas”, é uma menor importância perceptiva (logo, fonológica) concedida por esses mesmos ouvintes, em função dos seus conhecimentos linguísticos, à continuidade dos segmentos. A continuidade, como já foi dito, é referida por muitos autores (Ainsworth, 1976; Dorman, Raphael e Liberman, 1976; Repp *et al.*, 1978; Fitch *et al.*, 1979; Lieberman e Blumstein, 1988; Kent e Read, 1992) como fundamental para o processamento perceptivo do modo de articulação, o que é coadunável com a divisão canónica das consoantes em oclusivas e fricativas em função dessa mesma continuidade. Contudo, os estudos perceptivos relativos ao processamento de [β ð γ] em português que citámos já (Viana, 1984; Veloso, 1995), baseando-se numa hipótese delineada por Jakobson, Fant e Halle (1952), secundada depois por Head (1971), sugerem que, para os ouvintes nativos do português, a distinção perceptiva entre oclusivas e fricativas se baseia não na continuidade dos segmentos (isto é, na mera presença ou ausência de energia acústica), mas na sua estridência (ou seja, em determinadas propriedades acústicas da energia eventualmente encontrada): *serão identificadas como oclusivas todas as consoantes não-estridentes, e como fricativas todas as estridentes, independentemente da sua continuidade.*

Ora, a estridência – que é categorizada como um traço distintivo em propostas como as de Jakobson, Fant e Halle (1952) e Chomsky e Halle (1968) – é, nessas propostas, o correlato linguístico de ruídos de fricção (desarmónicos) intensos e audíveis resultantes

de uma estrictureira muito acentuada do tracto vocal (Jakobson, Fant e Halle, 1952:24; Chomsky e Halle, 1968:329).

Assim, nada parece haver que aproxime foneticamente as oclusivas “fricatizadas” das consoantes fricativas do português: acusticamente, aquelas são caracterizadas por uma componente harmónica (não-estridente), sendo estas caracterizadas por uma componente desarmonica estridente importante; articulatoriamente, as “fricatizadas” são produzidas com um grau mínimo de estrictureira do tracto vocal, oposta à estrictureira muito cerrada encontrada nas fricativas; perceptivamente, não existe, nos ouvintes nativos da língua, confusão entre os dois grupos, o que, segundo alguns estudos (Viana, 1984; Veloso, 1995), é atribuível à não-estridência destes segmentos, mais importante, ainda de acordo com as conclusões dos mesmos estudos, do que a continuidade para o estabelecimento de diferenças de modo de articulação consonântico nesta língua<sup>9</sup>.

Em consequência, parece não ser muito conveniente continuar a adoptar uma terminologia que, pelo menos aparentemente, continue a assimilar as “fricatizadas” às fricativas; quanto a nós, tal assimilação deriva da necessidade radical de se conformar esta variação a uma divisão rígida herdada de forma canónica por uma tradição fonética que com dificuldade se ajusta aos dados observados em pormenor.

Na tradição britânica, como vimos, existe, por contraste com a fonética tradicional que deu origem à bipartição atrás mencionada, lugar para outras categorias consonânticas para além da divisão clássica *oclusivas* vs. *fricativas*: ao serem admitidas, com direito a uma categoria própria, consoantes contínuas sem fricção (*frictionless continuants*, referidas por Catford (1977, 1988) e por Laver (1994), ou *approximants*, termo criado por Peter Ladefoged e adoptado pelos mesmos autores anteriormente citados), resta-nos algum “espaço conceptual” onde, sem continuarmos a assimilá-las, ao que parece sem grande fundamentação de ordem fonética, às fricativas, poderemos incluir as “fricatizadas” [β ð ʎ].

O primeiro autor a defender explicitamente o termo “aproximante” para caracterizar e classificar estes alofones, reportando-se não ao português mas antes ao castelhano, foi Martínez Celdrán (1984, 1991).

Outras designações, para além das mais assentes na tradição britânica, nos parecem igualmente aceitáveis, de entre aquelas que têm sido usadas: o Quadro 1 regista algumas propostas que consideramos interessantes e adequadas, face aos dados disponibilizados pelos estudos fonéticos destas consoantes, não só por rejeitarem uma assimilação entre consoantes oclusivas “fricatizadas” e fricativas em português, mas por mencionarem precisamente aquilo que parece fundamental na caracterização fonética completa (acústica, articulatória e perceptiva) destes alofones – a ausência de fricção audível. Estão neste caso as propostas de Sá Nogueira (1938) (que fala de “oclusão imperfeita”) e Head (1971) (“contínuas não-estridentes”), por exemplo.

Os termos “espirante” e “espirantização”, que encontramos em Morais Barbosa (1965, 1994) e em Pardal (1977), refutados por Martínez Celdrán (1991) em virtude da sua equivalência sinonímica com “fricativas” em alguns autores tradicionais (como Grammont, 1933:58 e ss.), não nos parecem, também, uma opção desadequada. Com efeito, o termo “espirante” é explícita e rigorosamente definido por Martinet (1960:45) como aplicando-se a qualquer consoante contínua em que são audíveis *phutôt des résonances qu'un frottement*, no que este autor se aproxima bastante da definição de “ressonante” que encontramos em Laver (1994)<sup>10</sup>.

## 5 Conclusões

Ao longo deste estudo, procurámos demonstrar que a designação corrente “oclusiva fricativizada” (e, concomitantemente, a de “fricativização”) habitualmente usada para se fazer referência aos alofones [β ð ɣ] de /b d g/ não parece adequar-se aos dados oferecidos pelos estudos fonéticos dessas consoantes.

Esta desadequação foi demonstrada por estudos anteriores, que se debruçaram explicitamente sobre a questão terminológica, reportando-se especificamente ao castelhano (Martínez Celdrán, 1991), e, implicitamente, pela opção, por parte de alguns autores, por termos alternativos (vd. Quadro 1).

A principal razão desta desadequação é a assimilação terminológico-conceitual entre estes alofones e as consoantes fricativas que o termo “fricativizada” deixa transparecer. Estudos fonéticos têm demonstrado não haver, à parte a continuidade, com um interesse perceptivo aparentemente diminuto e secundário face à estridência em português, elementos relevantes que aproximem as “fricativizadas” das fricativas, nem em termos articulatórios, nem acústicos, nem perceptivos.

Com efeito, estes alofones parecem ser realizações de um tipo consonântico específico, diferente quer das oclusivas, quer das fricativas, e certos termos da fonética inglesa – como “ressonantes”, “contínuas sem fricção” ou “aproximantes” – parecem adequar-se às características fonéticas que os estudos disponíveis nos revelam acerca destas consoantes.

---

\* Este capítulo retoma e desenvolve alguns aspectos abordados no âmbito de um trabalho académico anterior (Veloso, 1995), realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria da Graça Pinto, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A parte experimental desse trabalho, na qual se baseiam algumas das nossas conclusões, foi quase exclusivamente realizada no Laboratório de Fonética da Universidade de Estocolmo, com a supervisão do Professor Francisco Lacerda, graças a uma bolsa de curta duração concedida pelo Instituto Sueco.

- 1 Porém, a mesma variação tem sido descrita ou referida noutras línguas, com especial destaque para as línguas ibéricas, como o castelhano, o catalão e, mesmo, o basco, não pertencente à família indo-europeia (cf. Mascaró, 1984; Carbonell e Llisterrí, 1992; Martinet, 1955; Viana, 1984). Segundo Martinet (1955:257-259), nestas línguas esta variação seria uma manifestação do fenómeno de *lenição* articulatória, presente em quase todas as línguas indo-europeias. Para outros dados relativos a esta questão, remetemos para Veloso (1995:29-30).
- 2 Um dos motivos que justificam o interesse pelo estudo deste fenómeno encontra-se precisamente no facto de, sendo esta uma variação alofónica, nos poder elucidar acerca do papel da língua materna e de outros conhecimentos dos sujeitos ouvintes sobre a percepção da fala. Esse foi o interesse central que nos motivou em Veloso (1995).
- 3 Estudos fonéticos destes alofones, como os de Andrade, Andrade e Viana (1978), Viana (1984) e Veloso (1995), encontraram, em amostras do mesmo falante ou provenientes de falantes diversos, realizações contínuas e não-contínuas de /b d g/ nos mesmos contextos fonéticos. Em Veloso (1995), encontramos indícios de uma influência da situação de elocução sobre este fenómeno: os mesmos falantes, nos mesmos contextos fonéticos, mostraram produções maioritariamente não-contínuas de /b d g/ em discurso lido, por contraposição com o discurso espontâneo, em que são muito mais frequentes os alofones contínuos.
- 4 Idêntico propósito nos motivou no ponto 1.1.2 do trabalho anteriormente citado (Veloso, 1995:19-24); neste momento, procuraremos aprofundar alguns aspectos aí menos desenvolvidos.
- 5 O quadro aqui apresentado toma em consideração apenas os autores e os estudos que descrevem o fenómeno na língua portuguesa. Num quadro semelhante que incluímos em Veloso (1995:23) foram considerados autores e estudos referentes ao castelhano, onde, como afirmámos, se regista uma variação idêntica.

- <sup>6</sup> Estudos relativos ao castelhano, como os de Martínez Celdrán (1984, 1991) e Veiga (1985), debruçam-se sobre esta questão nessa língua, propondo que o tradicional peso conferido à continuidade consonântica seja questionado.
- <sup>7</sup> Ladefoged (1971:46) define-o da seguinte forma: “*Approximation of two articulators without producing a turbulent airstream.*”.
- <sup>8</sup> Todos os estudos citados incluem reproduções de espectrogramas de “oclusivas fricativadas”.
- <sup>9</sup> Estas conclusões reiteram, de certa forma, as de Martínez Celdrán (1984, 1991) e de Veiga (1985) relativas ao castelhano.
- <sup>10</sup> A confusão terminológica entre “espirante” e “fricativa”, receada por Martínez Celdrán (1984, 1991), parece-nos razoavelmente afastada: além da limitação conceptual de Martinet (1960) referida no corpo do texto, na maior parte das obras de referência fundamental em fonética tradicional mais recentes não ocorre sequer o termo “espirante”.

### Bibliografia

- AINSWORTH, W. A. (1976) *Mechanisms of Speech Recognition*. Oxford, Pergamon Press.
- ANDRADE, Amália; ANDRADE, Ernesto d'; VIANA, Maria do Céu (1978) *A fricativização das oclusivas sonoras em português*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Relatório do Grupo de Fonética e Fonologia – Nº 3, policopiado.
- AZEVEDO Filho, Leodegário de (1968) “Estudo da Gramática Portuguesa – Fonologia”, *Revista de Portugal – Série A: Língua Portuguesa*, Vol. XXXIII, pp. 317-343.
- CARBONELL, Joan; LLISTERRI, Joaquim (1992) “Catalan”, *Journal of the International Phonetic Association*, Vol. 22, Nºs 1 & 2, pp. 53-56.
- CATFORD, J. C. (1977) *Fundamental Problems in Phonetics*. Edinburgh, Edinburgh University Press.
- CATFORD, J. C. (1988) *A Practical Introduction to Phonetics*. Oxford, Oxford University Press/Clarendon Press.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris (1968) *The Sound Pattern of English*. New York, Harper & Row.
- DORMAN, M. F.; RAPHAEL, L. J.; LIBERMAN, A. M. (1976) “Further Observations on the Role of Silence in the Perception of Stop Consonants”, *Haskins Laboratories Status Report on Speech Research*, SR-48, pp. 199-207.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MÉVEL, Jean-Pierre (1991) *Dictionnaire de Linguistique*. Paris, Larousse.
- FITCH, H. L.; HALWES, T.; ERICKSON, D. M.; LIBERMAN, A. M. (1979) “Perceptual Equivalence of Two Acoustic Cues for Stop-Consonant Manner”, *Haskins Laboratories Status Report on Speech Research*, SR-57, pp. 183-200.
- GILI GAYA, Samuel (1950) *Elementos de Fonética General*. Madrid, Gredos, 1978 (5ª ed. corr. y ampl.).
- GLEASON Jr., H. A. (1955) *An Introduction to Descriptive Linguistics*. Trad. port., *Introdução à Linguística Descritiva*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis (1883) *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. Paris, Imprimerie Daupéley.
- GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis (1892) *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa, Imprensa Nacional.

- GRAMMONT, Maurice (1933) *Traité de Phonétique*. Paris, Librairie Delagrave, 1960 (6.ème éd.).
- HEAD, Brian (1971) "Some problems in identifying the distinctive features of Portuguese consonants", *Proceedings of the 7th International Congress of Phonetic Sciences (Montréal, 1971)*, The Hague/Paris, Mouton, 1972, pp. 1117-1120.
- HERCULANO DE CARVALHO, José G. (s/d) *Fonética Portuguesa*. Coimbra, Cursos de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- JACQUEMIN, Denise (1973) "Les occlusives sonores françaises d'un locuteur portugais", *Bulletin de l'Institut de Phonétique de Grenoble*, Vol. II, pp. 181-195.
- JAKOBSON, Roman; FANT, C. Gunnar M.; HALLE, Morris (1952) *Preliminaries of Speech Analysis – The Distinctive Features and their Correlates*. Cambridge (Mass.), The MIT Press, 1976 (11th reprint).
- KENT, Ray D.; READ, Charles (1992) *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego, Singular.
- LADEFOGED, Peter (1971) *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago, The University of Chicago Press.
- LAVER, John (1994) *Principles of Phonetics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LIEBERMAN, Philip; BLUMSTEIN, Sheila E. (1988) *Speech physiology, speech perception, and acoustic phonetics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LÜDTKE, Helmut (1952) "Fonemática Portuguesa – I – Consonantismo", *Boletim de Filologia*, Tomo XIII (Fascículos 3 e 4), pp. 273-288.
- MALMBERG, Bertil (1954) *La Phonétique*. Trad. port., *A Fonética*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- MARTINET, André (1955) *Economie des changements phonétiques – Traité de phonologie diachronique*. Bern, A. Francke, 1970 (3.ème éd.).
- MARTINET, André (1960) *Eléments de Linguistique Générale*. Paris, Armand Colin.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio (1984) "Cantidad e intensidad en los sonidos obstruyentes del castellano: hacia una caracterización acústica de los sonidos aproximantes", *Estudios de Fonética Experimental* (Universidad de Barcelona), Vol. I, pp. 73-129.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio (1991) "Sobre la naturaleza fonética de los alófonos de /b, d, g/ en español y sus distintas denominaciones", *Verba – Anuario Galego de Filoloxía*, Vol. 18, pp. 235-253.
- MASCARÓ, Joan (1984) "Continuant Spreading in Basque, Catalan, and Spanish", in ARONOFF, Mark; OEHRLE, Richard T. (orgs., 1984) – *Language, Sound, and Structure – Studies presented to Morris Halle by His Teacher and Students*. Cambridge (Mass.), The MIT Press, pp. 287-298.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1975) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- MORAIS BARBOSA, Jorge (1965) *Etudes de Phonologie Portugaise*. Évora, Universidade de Évora (2ª ed., 1983).
- MORAIS BARBOSA, Jorge (1994) *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra, Livraria Almedina.
- PARDAL, Ernesto d'Andrade (1977) *Aspects de la phonologie (générative) du Portugais*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- REPP, Bruno H.; LIBERMAN, Alvin M.; ECCARDT, Thomas; PESETSKY, David (1978) "Perceptual Integration of Acoustic Cues for Stop, Fricative, and Affricate Manner", *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, Vol. 4, Nº 4, pp. 621-637.
- SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de (1938) *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos/Imprensa Nacional de Lisboa.
- VEIGA, Alexandre (1985) "Consideraciones relativas a la actuación y límites de las oposiciones fonológicas interrupto/continuo y tenso/flojo en español", *Verba – Anuario Galego de Filoloxía*, Vol. 12, pp. 253-285.



VELOSO, João (1995) *Aspectos da Percepção das "Oclusivas Fricatizadas" do Português – Contributo para a Compreensão do Processamento de Contrastes Alofônicos*. Dissertação apresentada em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.

VIANA, Maria do Céu (1984) *Etude de Deux Aspects du Consonantisme du Portugais: Fricatisation et Dévoisement*. Strasbourg, Université des Sciences Humaines de Strasbourg. Dissertação de "Doctorat de Troisième Cycle", policopiada.